

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Ivo Korytowski

ORIGEM DO EPÍTETO “CIDADE
MARAVILHOSA” PARA DESIGNAR O
RIO DE JANEIRO: LENDA E VERDADE

KARYTOWSKI, Ivo
ORIGEM DO EPÍTETO “CIDADE MARAVILHOSA” PARA
DESIGNAR O RIO DE JANEIRO: LENDA E VERDADE
R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 183(488): 265-294, jan./abr. 2022

Rio de Janeiro
jan./abr. 2022

II – COMUNICAÇÕES NOTIFICATIONS

ORIGEM DO EPÍTETO “CIDADE MARAVILHOSA” PARA DESIGNAR O RIO DE JANEIRO: LENDA E VERDADE

ORIGIN OF THE EPITHET “MARVELOUS CITY” TO DESIGNATE THE CITY OF RIO DE JANEIRO: LEGEND AND TRUTH

IVO KORYTOWSKI¹

Resumo:

Na primeira parte do artigo, desminto a lenda urbana difundida de que o epíteto “Cidade Maravilhosa” para designar o Rio de Janeiro foi uma criação do escritor Coelho Neto. Na segunda parte, procuro desvendar a origem real do epíteto. Mostro que foi usado para designar a Exposição Nacional de 1908, depois o “novo Rio” surgido das reformas urbanísticas de Pereira Passos, até enfim se popularizar com a marchinha “Cidade Maravilhosa”.

Palavras-chave: Cidade Maravilhosa, Rio de Janeiro, Coelho Neto.

Abstract:

In the first part of the article, I dispel the widespread myth that the writer Coelho Neto created the epithet “Cidade Maravilhosa” (Marvellous City) to designate the city of Rio de Janeiro. In the second part, I try to unravel the real origin of the epithet by showing that it was first used to designate the National Exhibition of 1908, and later the “New Rio” resulting from the urban reforms carried out of Pereira Passos, until it finally became popular in the carnival song Cidade Maravilhosa.

Keywords: Cidade Maravilhosa, Rio de Janeiro, Coelho Neto.

PARTE I

Desbancando o mito de que o epíteto “Cidade Maravilhosa” foi criado pelo escritor maranhense Coelho Neto

Pelo menos desde meados da década de 1930², circula a “lenda urbana” de que o epíteto “Cidade Maravilhosa”, concedido à Mui Leal e Heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, teria sido criado na

1 – Escritor com duas obras premiadas pela UBE-RJ, tradutor consagrado, lexicógrafo, filósofo graduado e licenciado pela UFRJ, pesquisador da história do Rio. Tem colaborações publicadas na Revista Brasileira da ABL, revista *Littera*, revista *Ficções*, revista *Pilares da História* e jornal *O Trem Itabirano*. E-mail: ivokory@gmail.com.

2 – Segundo as evidências que consegui levantar em antigos jornais.

primeira década do século XX, pelo escritor maranhense Coelho Neto, popularíssimo na época.

No *Jornal do Brasil* de 17 de maio de 1936, página 19, encontrei a primeira alusão à crença na coluna intitulada “Entre os Caprichos da Moda... (Crônica de Rosita)”, na qual consta: “Na verdade, os banhos de mar encantam a fisionomia das urbes, o aspecto desse Rio de Janeiro a que, há muitos anos, Coelho Neto chamou ‘**cidade maravilhosa**’ [grifo nosso]...”. Com a morte de Coelho Neto em 1934, é possível que seu filho, Paulo Coelho Neto, passasse a disseminar tal crença. Assim é que, em discurso por ocasião da inauguração da Escola Coelho Neto em Ricardo de Albuquerque, em 1937, diz Paulo:

Bem expressivo foi o ato do governo da cidade, dando o nome de Coelho Neto a essa escola. Na Escola Dramática ou no Conselho Consultivo do Teatro Municipal, nas comemorações cívicas, como orador oficial, ou nas jornadas da imprensa em que jamais submeteu sua consciência às conveniências do momento, Coelho Neto serviu e honrou a Municipalidade e a linda capital **por ele sugestivamente batizada Cidade Maravilhosa** [grifo nosso]³.

Segundo essa crença, o epíteto teria sido empregado pela primeira vez em crônica intitulada “Os Sertanejos”, publicada em 1908 no jornal *A Notícia* (Anexo 1)⁴. A publicação, em 1928, do livro de contos *A Cidade Maravilhosa*, por esse mesmo autor, corroboraria essa crença. A atribuição da paternidade do epíteto a esse grande escritor foi mais uma dessas “lendas urbanas” que as pessoas repetem *ad nauseam*, até se tornarem “verdades”. Vejamos três exemplos da disseminação dessa crença infundada:

1) No resumo inicial do artigo “A Cidade Maravilhosa: Uma Percepção de Coelho Neto sobre a Construção de um Ideal de Rio de Janeiro”, os autores Eduardo da Cruz e Pedro Henrique Almeida Póvoa escrevem: “Este artigo se propõe a analisar a criação do epíteto ‘cidade

3 – *Jornal do Brasil*, 1º de setembro de 1937, p. 10.

4 – Consultado por este autor na Biblioteca Nacional, já que não achou esta edição do jornal na Hemeroteca Digital.

maravilhosa’ atribuído ao Rio de Janeiro a partir da leitura de três obras de Coelho Neto”⁵.

2) O Instituto de Geografia da UERJ organizou, de 24 a 29 de novembro de 2008, o seminário científico cultural *Centenária Cidade Maravilhosa e o Nosso Rio Continua Lindo*, celebrando “os cem anos do título ‘Cidade Maravilhosa’ conferido pelo escritor Coelho Neto, no jornal *A Notícia*, em 29 de novembro de 1908 [grifo nosso], à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”⁶.

3) Fernando Krieger, em artigo publicado no site do Instituto Moreira Salles, sustenta:

Circulam duas versões para o nascimento da expressão ‘Cidade maravilhosa’. A primeira diz que ela foi criada pelo escritor maranhense Coelho Neto, no artigo ‘Os sertanejos’, publicado no jornal *A Notícia* de **29 de novembro de 1908**. O mesmo autor lançou, em 1928, um livro chamado exatamente *Cidade maravilhosa*, que continha uma série de **crônicas sobre o Rio de Janeiro** [*idem*]⁷.

Observe-se que a crônica “Os Sertanejos” não foi publicada em 29 de novembro, como consta nos dois últimos exemplos acima, e sim na edição de 29-30 de outubro. Ou seja, havia décadas, repetia-se a “lenda urbana” sem que ninguém se desse ao trabalho de conferir a fonte.

5 – *Nonada: Letras em Revista*, vol. 1, n. 28, maio de, 2017, pp. 194-209.

6 – Convite enviado por e-mail a este autor.

7 – “Cidade maravilhosa” I: André Filho e a saga de uma marcha-hino. Artigo publicado em 20 de janeiro de 2015 no site do IMS. Acessível em <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/cidade-maravilhosa-i-andre-filho-e-a-saga-de-uma-marcha-hino/>



Página 3 de *A Notícia* de 29-30 de outubro de 1908, contendo no folhetim superior a crônica “Os Sertanejos” de Coelho Neto. As edições de 1908 desse jornal não constam da Hemeroteca Digital, só estando disponíveis em microfichas na Biblioteca Nacional.

Além disso, *Cidade maravilhosa* não é um livro de “crônicas sobre o Rio de Janeiro”, e a “cidade maravilhosa” a que alude o conto de mesmo título não é o Rio, como mostrarei adiante. Ou seja, as pessoas citavam o livro, em reforço à “lenda urbana”, sem se darem ao trabalho de lê-lo.

Examinemos, pois, a crônica “Os Sertanejos” onde supostamente Coelho Neto teria atribuído o epíteto “Cidade Maravilhosa” ao Rio de Janeiro. Ela narra a história de um grupo de artistas matutos “contrata-

dos para cantar e dansar no recinto da Exposição” (a Exposição Nacional Comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos, de 1908), mas que, assustados com a modernidade da metrópole, não conseguem repetir ali os mesmos cantos e danças em que são exímios no seu ambiente natural, o plácido sertão, e acabam por decepcionar o público. Afinal, conclui o autor, “Almas não são batatas que se exibam em exposições, a alma só se expande livre e espontaneamente”⁸.

Após conhecerem a cidade em si –

a cidade formidável, a cidade devoradora d’homens, com as avenidas largas, margeadas de palácios colossais, com o mover incessante de uma multidão apressada, com o reboliço vertiginoso dos veículos, com a zoeira dos automóveis, com o troar dos pregões, com todo esse confuso movimento que é a vida, desde o passo sutil, despercebido de um mendigo andrajoso que se esgueira ao longo dos muros, resmungando lamurias, até a estropeada heroica de um regimento com a bandeira desfraldada ao vento, as armas lampejando ao sol e os clarins ressoando em notas marciais.

– ao adentrarem a Exposição, “na avenida dos palácios brancos”, são tomados pelo assombro:

– Assumpta, Clodina: não parece qu’ a gente tá vendo uma cidade encantada como aquelas das histórias [sic]?

[...]

Era ao cair da tarde, uma tarde elegiaca, violacea, quieta, sem o silvo de uma cigarra. Os penhascos pareciam de lapis lazuli e os palácios, ainda mais brancos sobre o fundo escuro das rochas portentosas, alvejavam marmoreos. Longe, nos estábulos, o gado tino mugia, nostálgico, pondo no silêncio enlevado a tristeza bucólica das varzeas, em contraste com o requinte da **cidade maravilhosa**. A moça estremeceu á voz dos animaes, e logo, relembando histórias, cochichou á companheira:

– Você ouviu, Clodina ? A mode qu’ é boi berrando. Não vá sê gente encantada !

[...]

8 – Coelho Neto, “Os sertanejos”, *A Notícia*, 29-30 de outubro de 1908. Nesta e em outras citações neste artigo, mantenho a ortografia original.

Subito uma deflagração ! Collares de lampadas em fogo e a linha dos edificios debruada a luzes. Foi um medo panico indizivel: “Vote ! Misericordia ! T’esconjuro ! Nossa Senhora !”

– Clodina, ocê tá vendo ? Eu não dixei ? É o inferno ! Oia cumo tudo se accendeu d’uma vez e sem phosque [fósforo].

Estacaram deslumbrados. A **Cidade Maravilhosa** resplandecia como nas lendas. No fundo, na concha do palacio das Industrias, a agua escachoava colorindo-se à refracção das luzes. Surgiram monstros flammineos acaçapados, no relvedo, esguicharam repuchos polychromaticos e a misera gente tremia e encommendava-se aos santos, fazendo promessas arduas, arrependida de haver seguido o diabo seductor que a fôra buscar no repouso feliz da sua terra para arrojal-a naquelle inferno.⁹

Vemos claramente que o termo “Cidade Maravilhosa” está sendo, nesta crônica de Coelho Neto, aplicado à Exposição Nacional Comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos, não à cidade como um todo. De fato, a crônica, cuja íntegra pode ser lida no Anexo 1, contrapõe a cidade “formidável”, “devoradora d’homens”, ou seja, a cidade “normal”, por um lado, à cidade deslumbrante, maravilhosa da Exposição Nacional, por outro. Aliás, a imprensa da época valeu-se amiúde das designações “Cidade Maravilha” e “Cidade Maravilhosa” em referência à exposição que encantou os cariocas, como atestam as leituras dos jornais de então. O epíteto não surgiu *ex nihilo* da cabeça de Coelho Neto em “Os Sertanejos”, como reza a lenda urbana; já era corrente (junto com “Cidade Maravilha”) para designar a Exposição, como veremos adiante neste artigo.

Em 10 de novembro de 1927, o escritor maranhense publicou, na página 8 do *Jornal do Brasil*, uma versão bastante modificada desta crônica, agora denominada simplesmente “Sertanejos”, na qual a Exposição dá lugar a um cinema e, agora sim, a “Cidade Maravilhosa” alude ao Rio como um todo. Àquela altura o epíteto já havia se consagrado, nada ficando a dever à crônica reformulada. O que não sabemos é se o autor modificou a crônica com o propósito expresso de reforçar a lenda urbana, já que na

9 – Coelho Neto, “Os sertanejos”, *A Notícia*, 29-30 de outubro de 1908.

época ninguém mais se lembrava do artigo original de 1908 (não havia Internet para pesquisar!).

Em 1928, Coelho Neto publica seu livro de contos *A Cidade Maravilhosa*, mas ao contrário do que se propala, não é uma coletânea de textos de temática tipicamente carioca. São contos (alguns tão curtos que beiram à crônica) de temas variados: por exemplo, “Aproximações” narra as desventuras de um homem que, tendo nascido entre 31 de dezembro de 1899 e 1º de janeiro de 1900¹⁰, não sabe exatamente a que século pertence; já em “O Potro e o Sendeiro”, um velho e um jovem trocam de alma – a alma do velho indo para o corpo do jovem e vice-versa¹¹.

Ademais, a “cidade maravilhosa” que dá nome, não só à obra como ao conto inicial, no qual um pintor carioca tenta seduzir uma professora interiorana, não é o Rio de Janeiro, e sim uma “cidade de sonho”, imaginária, evocada à noite por uma queimada passageira gerando “umas horas breves de esplendor”:

Aqui a tem, a sua **cidade maravilhosa**. Viu-a de longe, era linda. Veja agora. Illusões, *fanciulla* [criancice]... Illusões... Adriana olhava estarrecida. Mas não era a destruição das arvores, não eram aquellas cinzas pardacentas, ainda mornas, não eram aquellos troncos denegridos, aquellos ramos que rechinavam [=queimavam] amojados de seiva que a commoviam, mas a lembrança da scena da estrada, a sedução do homem sinistro a mostrar-lhe, ao longe, no fogareu rutilante, a **cidade maravilhosa**, cidade do sonho, cidade do amor.

E, na imaginação, poz-se a comparar o seu destino ao daquellas arvores, ao de toda aquella terra calcinada e em miseria depois de umas horas breves de esplendor.

Mas se o epíteto pelo qual a cidade de São Sebastião tornou-se conhecida não foi criação do autor de *A Capital Federal*, que tão bem soube retratá-la, qual teria sido sua real origem?

10 – A rigor o século começou em 1901.

11 – Verbete *A Cidade Maravilhosa* (livro) da Wikipédia criado pelo autor deste artigo.

PARTE II

Em busca da verdadeira origem do epíteto “Cidade Maravilhosa”

Em 1884, retornando de uma viagem à Argentina que resultou na obra *Sull’oceano*, o escritor italiano Edmondo de Amicis, mais conhecido por seu clássico *Coração*, fez uma breve escala no porto do Rio de Janeiro. Apenas dezoito anos depois (1902) veio a escrever um artigo sobre a cidade, publicado no suplemento *La Lettura* do jornal milanês *Corriere della Sera*¹². Possivelmente, foi a **primeira vez em que se fez alusão à cidade do Rio de Janeiro como “maravilhosa”**.

– Por que o senhor nunca escreveu nada sobre o Rio de Janeiro?

Esta pergunta me foi feita uma centena de vezes durante os dezoito anos que se passaram desde que fui ao Brasil, e cem vezes dei sempre a mesma resposta pronta, tal como fazem os deputados quando conversam com os eleitores: – Porque fiquei apenas três dias, quando o *Sírio*, o navio em que viajei de Buenos Aires para Gênova, fez uma escala no porto da cidade. Amigos bondosos se desdobraram para me mostrar tudo, levando-me para todos os lados de carruagem, de bonde e em via férrea, desde cedo até a noite, como alguém que quisessem salvar da caça de uma banda de credores; vi muito, mas vi tudo correndo, afobado e com os olhos ofuscados pelo cansaço, de forma que me esqueci de muitas coisas, e de outras só tenho uma vaga lembrança, e até das imagens que se mantiveram mais vivas tenho lacunas obscuras, sobre as quais mesmo se reflito longamente nunca consegui captar uma mínima recordação. O que poderia escrever? Seria como descrever um sonho.

A esta resposta de sempre, poucos dias atrás, um intrépido italiano, que recentemente voltou do Brasil para Itália, rebateu sagazmente: – Mas o senhor não se sente tentado a fazer a descrição de uma **cidade maravilhosa** (E non la tenta la descrizione d’una **città maravigliosa**, no original italiano)¹³, onde permaneceu somente poucas horas, e da qual se lembra apenas como um sonho?

12 – O artigo foi incluído como bônus na edição brasileira do livro citado, intitulada *Em Alto-Mar*, publicada em 2017 pela Nova Alexandria em coedição com o Istituto Italiano di Cultura, com tradução, curadoria e notas de Adriana Marcolini.

13 – *Edmondo De Amicis: scritti per “La lettura,” 1902-1908*, Fondazione Corriere della Sera, 2008, acessado no Google Livros.

– Eis aí uma ideia – pensei.

E aquela ideia colocou-me a pena na mão e pregou-me à escrivantina.

[...]

Sim, Mantegazza tinha razão quando me escreveu: – Queira me desculpar, mas o Rio de Janeiro é mais bonito que Constantinopla. – Não é que a cidade seja mais bonita, mas sim o lugar, as águas, toda a natureza que a circunda. Oh, não há comparação!

O primeiro registro na imprensa carioca do epíteto “Cidade Maravilhosa” aplicado ao Rio de Janeiro está na página 2 do jornal *O Paiz* de terça-feira, 16 de fevereiro de 1904, pleno Carnaval. Em artigo sobre os carros alegóricos que desfilavam pela cidade, lemos:

A carrocinha municipal era o carro de critica que se seguia, vendo-se dentro das grades espirituosos mascaras protestando contra o acto municipal que tolheu a canina estirpe de viver e gozar da plena liberdade das ruas desta capital. E não contentes com os protestos feitos de viva voz, ainda distribuiam estes versos em avulso:

MATRICULADOS E NÃO MATRICULADOS

Esta gaiola bonita

Que ahi vai sem embaraços

É a invenção mais catita

Do genial Dr. Passos

As ruas, de ponta a ponta,
Subindo e descendo morros,
Por onde passa da conta,
Dos vagabundos cachorros.

Agarra! Cerca! Segura!

– Grita a matilha dos guardas –

Correndo como em loucura

Com um rumor de cem bombardas.

Terra sempre em polvorosa,
Sem igual no mundo inteiro,

Cidade maravilhosa!

Salve, Rio de Janeiro!¹⁴

A partir daí, vemos, naquele início de século, referências esparsas à cidade do Rio como “maravilhosa”. Por exemplo, na página 1 de *O Paiz* de 04/05/1904, em matéria intitulada “Uma Obra Política”, sobre as grandes reformas urbanas na então Capital Federal, capitaneadas pelo presidente Rodrigues Alves, lemos:

As excellentes promessas feitas, aliás, sem o menor vislumbre de ostentação pelo Sr. Dr. Rodrigues Alves, no manifesto inaugural do seu governo, começaram a transformar-se, felizmente para o paiz, em consoladoras realidades. [...] A população compreendeu bem a grandeza do serviço que o governo lhe vai prestar, negando-se a crear embaraços á sua acção, como queriam agitadores profissionais, antes, facilitando todos os accôrdos e sujeitando-se a todas as prescripções legaes, no bom intento de ver transformada, embellezada e saneada esta **cidade maravilhosa**, de cuja fama e de cuja força depende o equilibrio da seiva economica em todos os órgãos do paiz.

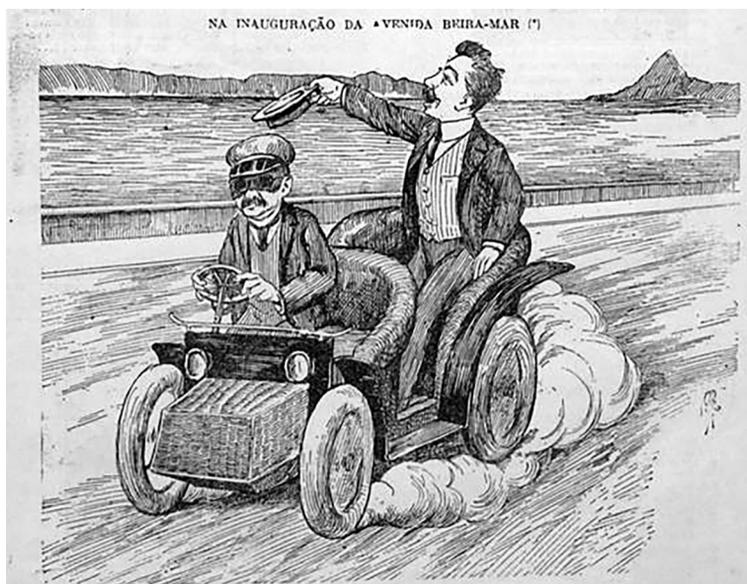
Na página 3 de *A Notícia* de 22-23/5/1907, em matéria intitulada “No Palacio Monroe”, lemos:

Está ainda na lembrança de todos os habitantes desta **cidade maravilhosa** a rapidez com que o general Dr. Francisco Marcelino de Souza Aguiar concluiu o Palacio Monroe, para o qual aproveitou o mesmo plano e grande parte de elementos que serviram na architectura do pavilhão brasileiro da Exposição Universal de S. Luiz.

A revista *O Malho* publica, na edição 219 de 1906, por ocasião da abertura da Avenida Beira Mar, a seguinte caricatura com a legenda:

“*Zé Povo* : – Abençoado Passos, que me deste uma das primeiras avenidas maritimas do mundo ! Avenida de onde se gosa o espectaculo surprehendente da formosa Guanabara ! Cinta elegantissima desta **cidade maravilhosa** ! Caminho amplo e limpo, onde se não encontra o vulto revoltante de um kiosque ! Eu te saudo !...”

14 – Nessa mesma data, o *Jornal do Brasil* reproduz, na pág. 2, e o *Jornal do Commercio*, na primeira página, estes mesmos versos.



A *Revista da Semana* publica na edição de 3 de novembro de 1907, na seção “Chroniqueta”, assinada por Raulino, a informação de que “Paris, que se distrae e se diverte, espalha actualmente grandes anuncios de espectaculos cinematographicos em que o numero sensacional do programma é ‘Uma **cidade maravilhosa**, Rio de Janeiro, Brasil, a sua rapida transformação em dois annos, vistas e aspectos pittorescos’. [...]”

Em 1908 montou-se na Urca a Exposição Nacional comemorativa do centenário da abertura dos portos, na época uma espécie de “cidade artificial” asséptica & deslumbrante, como hoje, digamos, uma Disneyworld. Nesse período torna-se comum na imprensa designar essa exposição de “cidade maravilha” ou “cidade maravilhosa”. Por exemplo, a seção THEATROS E MUSICA, no *Jornal do Commercio* de 27 de setembro de 1908, informa, sob a rubrica CONCERTOS DA EXPOSIÇÃO, que “realizou-se hontem o vigesimo concerto symphonico da Exposição Nacional. / A tarde estava luminosa e fresca e um passeio á praia Vermelha não deixava de seduzir, principalmente tendo-se em conta que na **cidade maravilhosa** [a exposição] esperava o visitante uma audi-

ção orchestral captivante, attrahente [...]”. Também a *Gazeta de Notícias*, na edição de 16 de outubro, informa na sua primeira página que “A exposição Nacional de 1908 está a encerrar-se. Mais um mez e aquella **cidade maravilhosa** desaparecerá.”

Finda a exposição, encontramos o epíteto “Cidade Maravilhosa” aplicado ao “novo Rio”, resultante das reformas do prefeito Pereira Passos. Assim é que o jornal *A Imprensa*, cujo redator-chefe era Alcindo Guanabara, em matéria de primeira página sobre o “regresso” de Pereira Passos de uma viagem, em 8 de agosto de 1909, informa:

Deve hoje, chegar a esta capital o sr. dr. Francisco Pereira Passos, nosso ex-prefeito, que será alvo de uma imponente manifestação que lhe preparam aquelles a quem elle dotou com uma **cidade maravilhosa**, feita em bem curto espaço de tempo. / A manifestação que hoje, a população carioca vai prestar ao eminente dr. Pereira Passos, é justo e significativo tributo aos seus altos meritos e, sobretudo, a mais expressiva prova de gratidão áquelle que envidou os melhores de seus esforços para transformar a Capital do Brasil, de um centro colonial, em uma cidade digna de um povo culto.

Dentro desse mesmo espírito, na página 2 de *A Notícia* de 6-7/07/1909, em matéria intitulada “Dez Annos Atrás”, lemos:

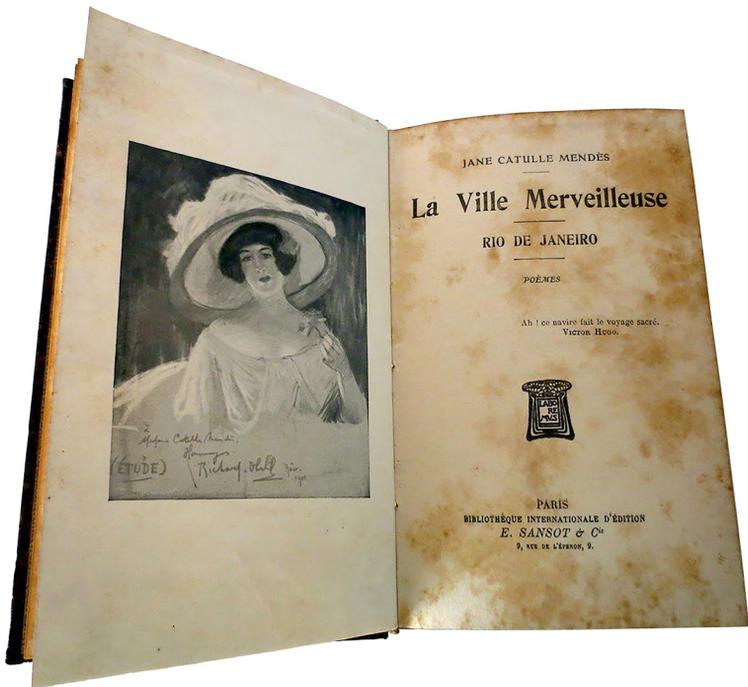
Que era a cidade do Rio de Janeiro ha dez annos? Que é a cidade hoje? Houve uma transformação completa, um *passé* de magica, uma maravilha. O Dr. Passos, com o seu grande poder magico municipal, com o talismã da sua grande energia administrativo, pôz o dedo num botão electrico, afundou no porão a velha Sebastianopolis e fez surgir no scenario carioca, diante dos olhos do espectador attonito, outra cidade—nova, arejada, arborisada, asphaltada, moderna, para que toda a gente pasmo [sic]. [...] e hoje, dez annos depois, passeando esta cidade de tão lindas ruas novas, percorrendo as avenidas, respirando um ar que não é o das antigas vielas infectas, habitando uma nova **cidade maravilhosa** e salubre, ouvindo o applauso do estrangeiro e não lendo no obituário um único caso de febre amarella [etc.].

O jornal *A Notícia*, de 21-22 de setembro de 1909, declara em matéria de primeira página intitulada PEQUENOS ECHOS: “O Rio tem já sido de tal modo decantado por estrangeiros illustres, que deve ser hoje

considerado pelos que ainda o não conhecem como uma **cidade maravilhosa**”. Este mesmo jornal, na edição de 15-16 de agosto de 1910, escreve, em matéria de primeira página intitulada A CIDADE:

Dias como o de hontem, pela sua doçura, a sua luz, a sua alegria são verdadeiras dadivas do céu. [...] É por um dia assim que a nossa cidade melhor brilha nas suas pompas e galas, ostentando os esplendores de uma **cidade maravilhosa** [...].

De setembro a dezembro de 1911, a poetisa francesa **Jane Catulle Mendès**, viúva do escritor e poeta Catulle Mendès, visitou o Rio de Janeiro, encontrando uma urbe recém-emergida de um “banho de loja” que foi a reforma urbanística de Pereira Passos. Encantada com a cidade, sobretudo pela flora e belezas naturais, escreveu uma série de poemas de “amor ao Rio”, publicados em Paris em 1913, com volume intitulado *La Ville Merveilleuse (A Cidade Maravilhosa)*.



Já no primeiro poema, descrevendo a chegada (de navio, na época) na Baía da Guanabara, escreve a poetisa: “*Jamais tant de splendeurs n’ont ébloui les yeux! C’est ici le pays de toute la lumière*” (Jamais tantos esplendores deslumbraram os olhos! Aqui é a terra de todas as luzes); no poema final, “Adieu” (“Adeus”), escreve: “*Rio douce et fougueuse au visage doré*” (Rio doce e briosa de semblante dourado). E no poema “Dans Longtemps” (Daqui a muito tempo), a autora não poupa declarações de amor à cidade: “*Cité voluptueuse et tendre*” (Cidade voluptuosa e meiga) “*Cité d’or*” (Cidade de ouro) “*Rio radieuse, ô Ville des étoiles*” (Rio radiante, ó Cidade das estrelas) “*Merveilleuse Rio, Ville de la Beauté*” (Rio Maravilhoso, Cidade da Beleza)¹⁵.

Na obra *Rio Belle Époque: Álbum de imagens*, escreve Alexei Bueno: “Parece-nos, portanto, que a hoje totalmente esquecida Jane Catulle Mendès foi, senão a criadora, a oficializadora do epíteto do Rio de Janeiro¹⁶”. Mas Catulle Mendès não estava sozinha. No mesmo ano da publicação do livro da poetisa francesa, o jornal *A Notícia* publica uma crônica, na coluna “Contos de Hoje” de Eugenio de Lemos, sobre quão bonita ficou a cidade após as reformas urbanísticas. Título da crônica: A CIDADE MARAVILHOSA (Anexo 3)¹⁷.

15 – Artigo sobre a obra de Catulle Mendès intitulado LA VILLE MERVEILLEUSE (A CIDADE MARAVILHOSA) de JANE CATULLE MENDÈS encontra-se no blog Literatura, Rio de Janeiro & São Paulo, em <http://literaturaeriodejaneiro.blogspot.com/2015/03/la-ville-merveilleuse-cidade.html>

16 – Alexei Bueno, *Rio Belle Époque: Álbum de Imagens*, Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2015.

17 – Jornal *A Notícia*, edição de 20-21/3/1913, pág. 3, acessado por este autor na Hemeroteca Digital.

PAGINA DE ARTIGOS E INFORMAÇÕES

20 - RIO DE JANEIRO - 21

8

DE LONJE...

Aproveite, minha senhora!
Ultimos dias de

Exposição de branco
NO
PARC ROYAL

O HOMEM QUE SABE

RECETA A Emulção de Scott

EGUALDADE
"SÉRIE ESPECIAL"

"SÉRIE GERAL"

CRUZEIRO DO SUL

U D A A Vozinha

GIARÇA EM BRASILEIRO

EL FERRER DE BICO N. 12

GAZETINHA

SPORT

A PERLA

PREVIDENCIA

Quando se lava os dentes com o Elfer Ferrer de Bico se refresca o corpo depois de um banho.

A CIDADE MARAVILHOSA

Por ocasião da inauguração da Exposição de Branco no Parc Royal, a imprensa carioca publicou um artigo de opinião assinado por um jornalista de nome J. J. de A. Vozinha, que contrastava a velha cidade colonial com a nova cidade republicana. O artigo, intitulado "A Cidade Maravilhosa", descrevia a cidade como um amontoado de construções sem ar e sem luz, e afirmava que a cidade havia sido criada por vontade de um punhado de homens. O artigo foi publicado no jornal "A Gazeta" em 1906 e tornou-se muito conhecido. A expressão "Cidade Maravilhosa" passou a ser usada para designar o Rio de Janeiro.

Pela primeira vez o epíteto dá título a um texto jornalístico sobre a cidade, que contrasta a velha cidade colonial – “um amontoado imenso de construções de uma architectonica rotineira e uma serie de vielas sem ar e sem luz” – com a “Cidade Maravilhosa”, surgida pela “vontade de um punhado de homens, que felizmente a Republica soube chamar á direcção dos seus destinos”, de modo que “as maravilhas humanas começaram a surgir”. “A velha cidade ruiu sob o alvião demolidor, e as avenidas abriram espaço á luz e ao ar.” “Cidade Maravilhosa! É a

exclamação de todos que nos visitam.” Mais adiante deparamos com este trecho profético:

A cidade progride e avança; toma o mar e toma as montanhas, e estende-se para as costas, varando as rochas. Ainda não temos os caminhos subterraneos, mas para lá caminhamos aceleradamente. E quando a cidade tiver tudo isso, quando ella não construir os seus palacios apenas na planicie, mas os levar para as montanhas, quando ella habitar tambem os [sic] ilhas encantadoras de sua refulgente bahia e o mar se encher de elegantes yachts, como hoje as avenidas se encham de automoveis, então ella poderá desafiar as que mais bellas o forem. Ella já é a **cidade maravilhosa**.¹⁸

A *Revista da Semana*, em 23 de maio de 1914 publica uma CHRONICA de louvação ao Rio de Janeiro que diz (entre outras coisas):

Se ha uma cidade que pelos maravilhosos adornos da natureza, pela disposição esplendida das suas avenidas e dos seus parques, se presta á pratica das festas ao ar livre, essa cidade é o Rio de Janeiro. [...] Tudo, no Rio, convida ao convivio intimo com a natureza, tal é o esplendor de que ella se reveste, taes são as magnificencias de que ella se adorna. A luz intensa que envolve a **cidade maravilhosa**, o clima que a affaga desde maio a setembro, o embalsamado e gigantesco parque que a envolve, destinam-a a sêr um dos paraisos da terra.

Em 1922, Olegário Mariano publica pela editora Pimenta de Mello, com uma segunda edição em 1930 da Companhia Editora Nacional, um livro de poesias intitulado *Cidade Maravilhosa*. O poema inicial que também dá nome ao livro, é uma louvação ao Rio de Janeiro, a “Cidade do Amor e da Loucura”, “Cidade do Êxtase e da Melancolia”, “Flor das Cidades”, em suma, “Cidade Maravilhosa!” (Anexo 4).

Em 1º de setembro de 1933, o locutor César Ladeira estreou na Rádio Mayrink Veiga, lendo as “Crônicas da cidade gozada”, de Genolino Amado, mas depois de receber cartas e telefonemas criticando o título, mudou-o para “Crônicas da Cidade Maravilhosa”, conforme lemos em

18 – Jornal *A Notícia*, edição de 20-21/3/1913, pág. 3, acessado por este autor na Hemeroteca Digital.

Henrique Foréis Domingues, *No Tempo de Noel Rosa: O Nascimento do Samba e a Era de Ouro da Música*¹⁹.

Em 1935, o mesmo César Ladeira escreve uma revista, que inclui três canções de Ary Barroso (“Garota colossal”, parceria com Nássara, “Grau dez”, parceria com Lamartine Babo e o samba “Foi ela”), intitulada “Cidade Maravilhosa”, apresentada no Teatro Recreio²⁰.

No Carnaval de 1935, a marcha “Cidade Maravilhosa” de André Filho, gravada por Aurora Miranda, enfim, **consagra o termo pelo qual hoje todos conhecemos o Rio de Janeiro**, Patrimônio Cultural da Humanidade, com muito orgulho, com muito amor...

Mostramos assim que, desde o início do século XX, o epíteto “Cidade Maravilhosa” foi usado esporadicamente para designar o Rio de Janeiro, ou mesmo outras cidades, em especial Paris. Com seu uso, juntamente com “Cidade Maravilha”, para designar a deslumbrante Exposição Nacional comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos, em 1908 (contexto em que surge a aludida crônica de Coelho Neto), aí sim, o epíteto se popularizou e, finda a exposição, começou a ser usado com mais frequência para designar o Rio de Janeiro, em especial o “novo Rio”, resultante das reformas de Pereira Passos. Em 1913, dois fatos contribuem para a fixação do epíteto: a publicação do livro de poemas *La Ville Merveilleuse* de Jane Catulle Mendès; e a crônica “A Cidade Maravilhosa” de Eugenio de Lemos. E em 1935 o epíteto se consagrou definitivamente com o lançamento da marchinha que viria a se tornar o hino da cidade.

19 – Henrique Foréis Domingues, *No Tempo de Noel Rosa: O Nascimento do Samba e a Era de Ouro da Música*, Editora Indigo Brasil, 2013.

20 – *Idem*.

ANEXO 1: Crônica “Os Sertanejos” de Coelho Neto.

Versão original de 1908, na qual o epíteto se aplica à Exposição Nacional.

Chegaram em turma, contractados para cantar e dansar no recinto da Exposição [Nacional Comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos]. Gente escolhida! Os homens, guapos, destorcidos, como por lá dizem ; as raparigas, lindas, de voz suave e d’uma graça muito languida no bolear do corpo, mas, depois de um ensaio canhestro, o empregario, esticando desanimadamente o beijo, antevendo, sem duvida, o fiasco, devolveu-os ao sertão com os seus trajos pittorescos e todo o instrumental languoroso com que se alegram as noites lindas das suaves campinas sertanejas.

Foi um desapontamento, disseram me.

Os pobresinhos, tão airosos nos seus pagos, perderam de todo o garbo, desaprumaram-se logo ao deixarem a estação de desembarque e os primeiros passos com que pisaram o asfalto não seriam mais medrosos e incertos se fossem dados em desfileiro de má fama, por entre cruces, em noite negra e aziaga de agosto.

Lividos, d’olhos esgazeados, achegavam-se uns aos outros, com o terror presago com que se apinham as ovelhas em marcha para o matadouro.

“Ó famanaz [que tem muita fama] da serra, que é da tua arrogancia! Trazes a viola á bandoleira e caminhas d’olhos baixos, tu, o mais atrevido cantador da serra, dono de tantos corações, vencedor em tantos desafios... Eh ! valentaço, que é da tua grimpa [orgulho] ?

E tu, moça do collo timido [“tumido” na versão de 1927], musa morena das floralias serranas, tu, que tem [corrigido para “tens” na versão de 1927] sido a deusa da discordia, accendendo rancores com a luz dos olhos negros e despertando a sêde do sangue com a cor da bocca mais cheirosa do que uma baunilha; moça da serra, porque vais tão triste e com os quadris tão quietos, tu que tão bem os cirandas quando, na ponta do pésinho arisco, saltas, ao som da viola, requebrada e risonha, desfiando a feira.

Moça cheia de graça, que é da côr das tuas faces, que é do teu dengue, que é da tua alma, feita de volupia ?

Estas vozes interrogativas soavam á passagem melancolica da tribu. Pobre gente ! O mar largo, sereno e azul, dobando as suas ondas cai-

reladas [=debruadas] de espumas, conteve a pequena grey. Quedaram os homens estarecidos, as moças persignaram-se procurando, com dedos tremulos, no papo da camisa, as contas do rosario bento.

Diz a história de Xenophonte que os gregos, livres de Tissaphernes e da gente perfida e bravía das rechans asiaticas, ao avistarem o mar lustroso, lançaram por terra escudos e sarissas e, prostrando-se de joelhos, com lagrimas pela face, saudaram movidamente o mar, a estrada verde que os devia levar, em rumo facil, aos suaves vergeis da Patria desejada.

Sim, mas os gregos eram de origem pelasgica, filhos do mar, e os sertanejos... vinham das campinas ramilhetadas de montas [na versão de 1927 corrigido para “moutas”, ou seja, “moitas”]; vinham das florestas floridas, vinham dos valles avelludados, longe dos littoraes arenosos onde o mar se espreguiça. Acompanhando, com desconfiança, o movimento das ondas, carregavam o cenho, communicando-se suspeitas, e as moças, em voz sumida, juntando as cabeças em colloquio, diziam pasmadas: “Que mundo d’água, Virgem do Ceu!”

Depois do mar, a cidade formidavel, a cidade devoradora d’homens, com as avenidas largas, margeadas de palacios colossaes, com o mover incessante de uma multidão apressada, com o reboliço vertiginoso dos vehiculos, com a zoeira dos automoveis, com o troar dos pregões, com todo esse confuso movimento que é a vida, desde o passo subtil, despercebido de um mendigo andrajoso que se esgueira, ao longo dos muros, resmungando lamurias, até a estropeada heroica de um regimento com a bandeira desfraldada ao vento, as armas lampejando ao sol e os clarins resoando em notas marciaes.

Pobre gente da tranquillidade ! E a tribu lá foi airadamente a seu destino.

Ao entrar na Exposição, na avenida dos palacios brancos, o pasmo subio de ponto.

Uma das moças, aduncando os dedos, puxou a companheira pelo chale e segredou-lhe:

– Assumpta, Clodina: não parece qu’a gente tá vendo uma cidade encantada como aquellas das história?

– É mêmo.

– Oia bem.

– É tal e qual. Parece qu’eu tou uvindo nhá Nica.

– Quem sabe, Clodina !...

– U quê ?

– Quem sabe se aquelle home que foi buscá a gente lá em riba não é mandado...

– Cruz! Crédo! Mecê não trouxe reza ?

– Eu trouxe os meus breves e uma reliquia da Santa Cruz. Mas agora, Clodina, agora eu acho que elles não servem de nada, porque a gente já sta no poder do diabo, e ocê bem sabe que alma que cahe nu inferno não sahe mais, nem á mão de Deus Padre. E a outra, d’olhos lacrimosos:

– Eu bem não quiria vi. Tanto dinhêro mode cantá e sambá era mêmo p’ra gente discunfiá. E os homens, mudos, arrastando as alpercatas, lá iam cabisbaixos, mazorros, refugindo, com timidez, á curiosidade publica.

Era ao cahir da tarde, uma tarde elegiaca, violacea, quieta, sem o silvo de uma cigarra. Os penhascos pareciam de lapis lazuli e os palacios, ainda mais brancos sobre o fundo escuro das rochas portentosas, alvejavam marmoreos.

Longe, nos estábulos, o gado tino mugia, nostalgico, pondo no silencio enlevado a tristeza bucolica das varzeas, em contraste com o requinte da **cidade maravilhosa**. A moça estremeceu á voz dos animaes, e logo, relembando histórias, cochichou á companheira:

– Ocê ouviu, Clodina ? A mode qu’ê boi berrando. Não vá sê gente encantada! E os homens, alguns vaqueiros, á plangencia dos touros, reviam as terras de longe e os marroás robustos sahindo dos banhados com um filete de baba a escorrer ao focinho, parando, firmes nos jarretes e mugindo para o céu sereno, como num adeus aos sol.

Era a hora angelical e a tribu poz-se a rezar baixinho, á medida que a noite, lá ao alto, começava a desfiar o seu rosario de estrellas.

Subito uma deflagração ! Collares de lampadas em fogo e a linha dos edificios debruada a luzes. Foi um medo panico indizivel: “Vote ! Misericordia ! T’esconjuro ! Nossa Senhora !”

– Clodina, ocê tá vendo ? Eu não dixei ? É o inferno ! Oia cumo tudo se accendeu d’uma vez e sem phosque [fôsforo].

Estacaram deslumbrados. A **Cidade Maravilhosa** resplandecia como nas lendas. No fundo, na concha do palacio das Industrias, a agua escachoava colorindo-se à refração das luzes. Surgiram monstros

flammineos acaçapados, no relvedo, esguicharam repuchos polychromicos e a misera gente tremia e encommendava-se aos santos, fazendo promessas arduas, arrependida de haver seguido o diabo seductor que a fôra buscar no repouso feliz da sua terra para arrojal-a naquelle inferno.

E, quando appareceu um automovel urrando, com os dois immensos olhos accesos em clarões, a debandada foi tumultuosa e os gritos e os esconjuros atroaram.

Foi em tal estado d’alma que os sertanejos ensaiaram no theatro os cantos e as danças em que são exímios. Mas que podiam os miseros cantar se lhes faltava a voz ? como dançariam elles se as pernas eram como flexiveis juncos ? O fiasco foi absoluto e o empregario, corrido, recambiou-os na manhã seguinte, desfazendo no espirito do povo uma formosa illusão poetica. E toda a gente está hoje convencida de que cantos e danças de sertanejos são estopadas ridiculas.

Na Exposição seriam, mas lá no verde sertão, com a lua a luzir no céo e as fogueiras flammejando, emquanto o rio murmura o seu canto dormente e a morena, arrepanhando a saia, labios entreabertos no fervor do samba, sacode, boleia os quadris redondos, e as violas e os machetes fremem e os violões soluçam e os adufes rebatem o rythmo do sapateio, lá é que é ver como os corações se agitam, lá é que é sentir o prestigio do canto, lá é que é comprehender como póde o almiscar estonteante de um corpo de mulher faceira fazer de um caboclo pacifico um assassino cruel e desprestigiar um santo tirando-o da ascese para o frenesi na eira.

Sertanejos é no sertão que são grandes. Pasmados e combalidos, que haviam de fazer os pobresinhos ?

Veja-se o peixe espadanando nagua, siga-se o passaro no vôo.

Sertanejos, só vistos no sertão, na moldura agreste do seu rancho, cantando e dansando, não como saltimbancos, para serem vistos, mas para gozarem e amarem na liberdade da vida ingenua que lhes proporciona a natureza simples. Demais a mais... com medo...

Almas não são batatas que se exhibam em exposições, a alma só se expande livre e espontaneamente.

ANEXO 2: Crônica “Os Sertanejos” de Coelho Neto.

Versão de 1927, em que o epíteto se aplica ao Rio de Janeiro, mas àquela altura já havia se popularizado.

Chegaram em turma, contratados para cantar e dançar em um cinema. Gente escolhida a dedo. Os homens, guapos, destorcidos, como por lá dizem; as raparigas, lindas, de voz suave e d’uma graça languida no bolear do corpo, no peneirar dos quadris, mas depois de um ensaio canhestro o empregatário, esticando desanimadamente o beijo, a ante-ver, sem duvida, o fiasco, devolveu-os ao sertão com os seus trajes pittorescos e todo o instrumental languoroso com que se alegram, as noites de luar.

Foi um desapontamento. Os pobresinhos, tão airosos, tão senhores de si nos seus pagos, perderam de todo o garbo, desaprumaram-se logo ao deixarem a estação de desembarque e os primeiros passos com que pisaram o asfalto não seriam mais medrosos e incertos se fossem dados em desfiladeiro de má fama, por entre cruces, em noite negra e aziaga de Agosto. Lividos, de olhos esgazeados, achegavam-se uns aos outros com o terror presago com que se acarram as ovelhas em marcha para o matadouro.

“Ó famanaz da serra, que é da tua arrogancia!? Trazes a viola á bandleira e caminhas de olhos baixos, tu, o mais atrevido cantador da serra, dono de tantos corações, vencedor em tantos desafios. Eh! valentaço, que é da tua empáfia ?

E tu, moça de collo tumido, musa morena das floralias campesinas; tu, que tens sido a deusa da discordia, accendendo rancores com a luz dos olhos negros e despertando sede de sangue com a cor da boca, mais cheirosa do que uma fava de baunilha; moça faceira, porque vais tão triste e com os quadris tão quietos, tu que tão bem os cirandas quando, na ponta do pésinho arisco, saltas, ao som da viola, requebrada e risinha no sapateado ou puxando fieira.

Moça cheia de graça, que é da cor das tuas faces ? que é do teu dengue ? que é da tua alma, toda volupia ?

O mar largo, sereno e azul, dobando as suas pequeninas ondas cairetadas de espumas, conteve o bando. Os homens quedaram estarecidos, as moças persignaram-se procurando, com dedos tremulos, no papo da camisa as contas do rosario bento.

Diz a história de Xenophonte que os gregos, livres de Tissaphernes e da gente perfida e bravía das rechans asiaticas, ao avistarem o mar lustroso, lançaram por terra escudos e sarissas, e, prostrando-se de joelhos, com lagrimas pelas faces, saudaram commovidamente o mar, a estrada verde que os devia levar em rumo facil aos amenos vergéis da Patria.

Sim, mas os gregos eram de origem pelagica, filhos do mar, e os sertanejos vinham das campinas ramilhetadas de moutas; vinham das florestas floridas, dos valles avelludados, longe dos littoraes arenosos, onde o mar se espreguiça. Acompanhando, com desconfiança, o movimento das ondas, tornavam-se sombrios communicando-se suspeitas, e as moças, em voz sumida, juntando as cabeças em colloquio, murmuravam pasmadas: “Que mundo d’água, Mãi do Ceu!”

Depois do mar a cidade formidavel, a cidade devoradora de homens, com as avenidas largas, margeadas de palacios colossaes, com o mover incessante de uma multidão apressada, com a barafunda vertiginosa dos automoveis, com o troar dos pregões, com todo esse confuso movimento, que é a vida, desde o passo subtil, despercebido, de um mendigo andrajoso, que se esgueira ao longo das paredes resmungando lamurias, até a estropeada heroica de um regimento, com a bandeira desfraldada ao vento, as armas lampejando ao sol e os clarins resoando clangores marciaes. Na Avenida o pasmo da pobre gente subiu de ponto.

– Assumpta, Clódina... Não parece uma cidade encantada como as das historias ?

– É mêmô.

– Oia bem.

– E tal e qual. Até parece qui tô uvindo Nhá Nica.

– Quem sabe, Clódina...!

– U quê ?

– Quem sabi s’aquelle home qui fui buscá a genti lá in riba não foi mandado ?

– Cruz! Crédo! E mecê não trouxe reza ?

– Truxe, cumu não havéra di trazê ? Truxe meus breves e o meu Santo Lenho. Mas agora, Clódina... agora eu acho qu’isso não serve di nada, porque a gente já tá nu podê du diabo ! ocê sabe qui alma qui cahi nu

inferno não sahi mais, nem á mão di Deus Padre. E a outra, de olhos lacrimosos:

– Eu bem não quiria vim. Tanto dinhêro modi cantá i sambá era mêmo p’ra genti discunfiá. E os homens mudos, arrastando as alpercatas, lá iam cabisbaixos, mazorros, refugindo, com timidez, á curiosidade publica. Um outro buzinou soturno.

– Ocê uvuiu, Clódina ? A modi qu’ê boi berrando. Não vá sê genti incantada! Era a hora angelical e o bando poz-se a rezar baixinho, á medida que a noite começa a desengranzar o seu rosario de estrellas. Subito, uma deflagração. Collares de lampadas de fogo e a linha dos edificios debruada a luzes. Foi um medo panico indizivel: “Misericórdia! Credo! Abrenuntio! P’ras areias gordas!”

– Sê tá vendo, Clódina ? Eu não dixeu qu’ê u inferno ? Oia cumu tudo s’acendeu d’uma vez ! sem phosque. Estacaram deslumbrados.

A **Cidade maravilhosa** resplandecia como nas lendas. E a misera gente tremia e encommendava-se a Deus, a Nossa Senhora e aos santos, fazendo promessa, arrependida de haver seguido o demonio tentador que a fôra buscar no repouso feliz da sua terra. E quando appareceu um automovel urrando, com os dois immensos olhos accesos em clarões, a debandada foi tumultuosa e gritos e esconjuros atroaram.

Foi em tal estado d’alma que os sertanejos ensaiaram no cinema os cantos e as danças em que são exímios.

Mas que podiam os miseros cantar se lhes faltava a voz ? Como dançariam elles se as pernas lhes tremiam como varas verdes? O fiasco foi absoluto e o empresario, corrido, recambiou-os na manhan seguinte, desfazendo no espirito do povo uma illusão poetica. E toda a gente está hoje convencida de que danças e cantos sertanejos são estopadas ridiculas.

Serão no palco do cinema, mas lá no verde sertão, com a lúia grande no ceu e as fogueiras flammejando, enquanto o rio murmúra o seu canto dormente e a morena, arrepanhando a saia, labios entreabertos no fervor do samba, sacode, boleia os quadris redondos, as violas e os machetes repinicam, os violões plangem e os adufes rebatem o rythmo do sapateio, lá é que é ver como os corações se agitam, lá é que é sentir o prestigio do canto, lá é que é comprehender como pôde o almiscar estoteante de um corpo de mulher faceira fazer de um caboclo pacifico um assassino e desprestigiar um santo tirando-o da ascese para o frenesi na eira.

Sertanejos, só no sertão são grandes. Pasmados e combalidos que haviam de fazer os pobresinhos ?

Sertanejos, só no sertão, na moldura silvestre do seu rancho, cantando e dançando, não como saltimbancos para serem vistos de plateias, mas para gosarem e amarem, na liberdade da vida ingenua que lhes proporciona a natureza simples.

O peixe, quer-se espadanando n'água, o passaro no ar, em vôo, o sertanejo no sertão.

ANEXO 3: Crônica “A CIDADE MARAVILHOSA”.

Publicada em *A Notícia* de 20-21/03/1913.

Por aquella magnificencia de tarde de domingo toda luminosa, vinha bem a proposito um encontro com um poeta como Humberto de Campos, nesse encantado passeio que é a Avenida Beiramar, diante do oceano que rugia e convulsivamente jogava as suas ondas sobre o caés.

Certo, a pobre alma de um chronista não póde conservar-se insensivel a um espectaculo como o que se desenrolava. A minha, que nunca vira o mar assim, tinha como um fremito de apprehensão, vendo que as ondas assaltavam o caes, brutalmente arrancavam as grandes pedras da sua amurada e entravam pela cidade, numa invasão temerosa e espumante, que fazia fugirem os seus habitantes. Mas o poeta sentia isso de outro modo, não já com apprehensão, mas com a emoção dos que são capazes de escrever a epopéa dos elementos desencadeados. E foi partilhando dessa emoção que o segui praia adiante, contemplando as ondas que formavam pyramides d'agua, colossaes columnas que logo se desfaziam, alagando e enlameando a Avenida e destruindo o seu formosíssimo jardim.

Já um longo trecho do caes estava em terra, com as suas enormes pedras dispersas pelo asphalto que uma agua barrenta cobria, como si o mar tivesse tragado o lindo passeio. Do lado das artísticas edificações, o aspecto era de desolação : os moradores, ameaçados de ficar isolados do resto da cidade, haviam emigrado para outros postos. Muitos ainda fugiam em qualquer vehiculo que apparecia, e todo aquelle trabalho de salvação inspirava respeito, suggeria a idéa da destruição de uma cidade, do final de uma civilização, desta cidade que é nossa, desta civilização para a qual tão carinhosamente trabalhamos.

Era terrível, mas era bello, e então, como si realmente estivessemos a assistir a uma derrocada verdadeira e final, entrámos a recordar as bellezas desta cidade que bem se póde considerar uma rainha, na America democratica e republicana. O passeio já nos levára até Botafogo, onde o mar era menos terrível, mas onde tambem a sua furia deixára ruínas. Ahi, na enseada revolta, o horizonte é mais restricto, mas nem por isso é menos admiravel o panorama. A larga garganta entre São João e o morro da Viuva abre-se ordinariamente para o remanso das aguas; ha toda uma tranquillidade doce e feliz nas ondas que apenas formam ligeiras crispações e se vêm quebrar, em ligeiro sussurro, na muralha dos cães. E o azul dos céos, como as scintillações das estrellas, se reflecte nellas com a mesma doçura, a mesma tranquillidade. Em frente, o Pão de Assucar e a Urca são como dois immensos contrafortes, duas gigantescas defesas ás iras do Atlantico, que lá fóra alteia impotentemente as suas serras de agua.

Por sobre essas duas montanhas, o arrojo do homem, arrojo de brasileiro, construiu agora um caminho, uma estrada como ellas se devem comprehender no seculo da aviação, um passeio aereo feito por dous cabos, em duas secções, como a graduar as impressões da viagem, parando por “étapes” no ar!

O bondinho subia, descia, num suave vaivem, pequenino de longe, parecendo apenas uma leve ave sem azas, que, entretanto, habituada ao espaço, ainda voava. E o poeta emocionante do livro de versos a que denominou *Poeira*, a poeira luminosa das suas rimas scintillantes, disse extasiado :

– O Rio é uma **cidade maravilhosa!**...

Cidade maravilhosa ! É a exclamação de todos que nos visitam. Foi sempre a de quantos, nos tempos em que a cidade era archaica e apathica, lhe admiravam as bellezas naturaes. Humberto de Campos, vindo do Norte sem nunca ter visto o Rio, já o encontrou transformado e justamente era uma de suas mais ousadas innovações que lhe fazia vibrar a alma do entusiasmo e de ardente admiração.

Com effeito, o homem, nesta terra que hoje tem uma actividade febril, viveu sempre desamando a sua cidade. Para o seu orgulho bastava que o estrangeiro tivesse uma palavra de pasmo pela sua maravilhosa natureza, bellezas da vegetação tropical, ou caprichosos accidentes do solo. Os proprios poetas, incontaveis, melífluos e contemplativos, contentavam-se com esse pantheismo indolente, de cantilenas, que ia

do “Minha terra tem palmeiras” até á apothese da “Velha mangueira” e das frondes eternamente verdejantes, em que as cigarras annunciam a gloria das alvoradas e os dias de offuscante luz. Ao olhar do estrangeiro, á sua esthesia, a cidade offercia apenas um amontoado immenso de construcções de uma architectonica rotineira e uma serie de vielas sem ar e sem luz. A natureza, só ella enaltecia a terra, fazendo que o estrangeiro levasse a memoria de um recanto da America em que ella mais se esmerou em prodigios.

Mas a civilização não podia ser mais detida pela nossa inercia. Ella se nos impoz pela vontade de um punhado de homens, que felizmente a Republica soube chamar á direcção dos seus destinos. E as maravilhas humanas começaram a surgir. A velha cidade ruiu sob o alvião demolidor, e as avenidas abriram espaço á luz e ao ar, o ar que nos faltava, a luz que pairava sobre nós num céu soberbo, mas apenas aquecia os velhos telhados, sem penetrar nas habitações, angustiadas na estreiteza das ruas e das proprias praças. Surgira o genio das iniciativas, e a velha rotina fugiu espavorida, talvez para suicidar-se nalgum desses recantos tão da sua feição e que ainda existem.

A cidade avançou sobre o mar, fez recuar as ondas e, sobre as areias que ellas beijavam, estendeu o caes e construiu uma avenida, que é toda ella um immenso vergel cheio de luz e de frescura. Das velhas praias, dos velhos areaes sobre os quaes deitavam os fundos de tanta residencia senhorial, não resta hoje sinão a lembrança dos que ainda as conheceram. A linha das construcções é toda nova e os palacios, as habitações mais pequeninas, têm todas uns toques de arte e bom gosto, ha nellas como que um pouco da faceirice brasileira, talvez a sua própria vaidade alegre e triumphal.

Para além do centro commercial era necessario que se dêsse na nossa transformação um amplo logar ao trabalho, uma avenida ao commercio. Elles a têm, grandiosa e monumental nesse cáes do porto, que é uma obra digna da audacia dos povos mais audazes. Mas não é só isso : a cidade realmente encheu-se de jardins. A natureza agora não está fóra das suas portas, mas nas suas mesmas praças. Ha avenidas que são verdadeiros jardins, e o negociante a perlustra, cogitando nas suas transacções, e o poeta a percorre, pensando em compor hymnos á sua belleza. O homem, antes dessa transformação, como se havia esquecido de si, deixando-se morrer de epidemias numa cidade infecta. Reagindo contra a antiga apathia, “lembrando-se finalmente de si”,

elle não esqueceu a natureza, e trouxe-a para as suas praças, para as suas avenidas, para a sua propria casa.

Mas não sejamos injustos com as gerações que nos precederam. A uma dellas pertenceu o maior transformador da cidade, o prefeito Passos. A elle se deu um dos mais bellos passeios que a cidade desfructa ha mais de trinta annos – essa arrojada escalada ao Corcovado. O Corcovado é uma maravilha natural que reclamava essa maravilha da nossa engenharia... Depois o passeio ao Sylvestre, por sobre a montanha, sobre despenhadeiros, ao pé dos quaes a cidade se estende a perder de vista. A Tijuca foi varada e escalada por uma linha electrica de bondes, e dentro de muito pouco tempo pelas suas furnas, pelos seus grotões e pelos seus comoros, sob os bosques que saneam o homem e o limpam do pó da cidade, as ferrovias communicarão o immenso bairro florestal com o Jardim Botânico e a Gavea, transformando tudo ao mesmo tempo numa cidade e num jardim. E quem sabe si, como me lembrava Humberto de Campos, esta communicacão por um requinte de arrojo e de orgulho industrial, não se fará por cabos aereos como esse que hoje liga a Praia Vermelha á Urca e ao Pão de Assucar ? O Corcovado já tem hoje o electrico que crava as suas garras de aço no dorso arqueado e sinuoso do gigante. A sentinella da barra tem tambem esse liame em que se baloiça o homem como num gigantesco balanço.

A cidade progride e avança ; toma o mar e toma as montanhas, e estende-se para as costas, varando as rochas. Ainda não temos os caminhos subterraneos, mas para lá caminhamos acceleradamente. E quando a cidade tiver tudo isso, quando ella não construir os seus palacios apenas na planicie, mas os levar para as montanhas, quando ella habitar tambem os [sic] ilhas encantadoras de sua refulgente bahia e o mar se encher de elegantes yachts, como hoje as avenidas se enchem de automoveis, então ella poderá desafiar as que mais bellas o forem. Ella já é a **cidade maravilhosa**. Mais entusiasmo, mais ardente culto pela sua propria formosura, e será a cidade incomparavel, com os requintes que a civilização ascendente há de trazer-lhe e com os primores da vida deliciosa, vivida entre os encantos da sua natureza, a magnificencia das suas artes e a opulencia de sua riqueza material.

Mas que pena que tudo isso não fosse dito por um poeta como Humberto Campos !... A prosa de um chronista certamente fica distanciada do hymno que a cidade merece de um poeta, como o de *Poeira*.

ANEXO 4: Poema “Cidade Maravilhosa” de Olegário Mariano.

Cidade maravilhosa!

Na luz do luar, fluídica e fina,
Lembra excêntrica bailarina,
Corpo de náíade ou sereia,
Desfolhando-se em pétalas de rosa,
Com os pés nus sobre a areia.

Cidade do gozo e do vício!
Flor de vinte anos, rosa do desejo!
Corpo vibrando para o sacrifício,
Seios à espera do primeiro beijo.

Cidade do Amor e da Loucura,
Das estrelas errantes... Para vê-las,
Vibra no olhar de cada criatura
Uma ânsia indefinida
Pelo brilho longínquo das estrelas
Que é, como tudo, efêmero na vida.

Cidade do Êxtase e da Melancolia,
De dias tristes e de noites quietas;
Sombra desencantada da alegria
Dos que vivem de lágrimas, os poetas.

Cidade de árvores e sinos.
De crianças e jardins. Flor das Cidades;
Berço de ouro de todos os Destinos,
Fonte eterna de todas as Saudades.

Texto apresentado em janeiro de 2022. Aprovado para publicação em junho de 2022.

